

CONFERÊNCIA

FIM DO MILÊNIO OU FIM DA HISTÓRIA

Jacob Gorender Historiador - ANPUH

Agradeço as generosas referências do Professor Carlos Fico e também o convite dos organizadores deste Encontro Regional da ANPUH, a qual eu pertenço. Antes de iniciar o tema da minha palestra, permito-me fazer um pedido: e que, durante o nosso trabalho nesta sala, os que estão habituados a fumar façam um esforço para se absterem.

E, com isso, entro no tema que convencionamos para essa abertura: "Fim do Milênio ou Fim da História?", correlato ao tema geral do Encontro a respeito da "Crise das Ideologias".

O milênio, como vocês sabem, é uma mera data. O fato de que estejamos em 1990 ou no ano 2000, por si mesmo, não indica nenhuma diferença, nenhum fato importante? Os historiadores são também profissionais de datas, eles têm a obrigação de dar precisão às datas em que ocorrem certos eventos ou processos sociais. É claro que, já hoje, a Historiografia não tem a obsessão das datas, mas elas permanecem como uma questão referencial no nosso trabalho. Não esquecemos a advertência de Marc Bloch, o grande historiador francês, de que data não deve ser uma obsessão. A precisão de uma data na questão de um processo social é, dentro de certa faixa temporal, secundária. Não faz muita diferença se ter a data de 20, 30 ou 40 anos, antes ou depois, em processos como, por exemplo, o desaparecimento da escravidão antiga ou o nascimento do capitalismo e assim por diante. Em todo o caso, não deixamos de ter cuidado com a questão das datas.

Mas, afóra a precisão, o milênio encerra um simbolismo no nosso mundo cristão, e aqui não devemos generalizar: o mundo cristão não é todo o mundo. Hoje, nos estamos vendo como o mundo muçulmano está desperto e como também os vários mundos Africanos e asiáticos se fazem notar na nossa história contemporânea. Mas, no mundo cristão, o milênio já despertava movimentos e sublevava as crenças, quando na proximidade de se completar o primeiro milênio. Surgiram as crenças a respeito do Juízo Final, da vinda do Messias, de um milênio de ressurreição, de justiça, de recompensas para os pobres, de paz na Terra. E depois surgiram as crenças quiliastas, quer dizer, de mil anos de felicidade. Isso até se inverteu, num tempo não muito distante, com relação a uma doutrina tão malfadada como o nazismo, que prometia uma nova ordem por mil anos. Quer dizer, esse número mil como sinônimo de uma ordem social boa ou má e algo que. Está enraizado, digamos, naquilo que se poderia chamar de patrimônio mental do nosso mundo cristão. Agora, estamos nos aproximando do fim do segundo milênio, do fim do século XX, e talvez

a isso se possa associar (eu digo talvez, porque isto exigiria reflexões maiores) o prestígio da magia, do ocultismo, da astrologia. Aqui no Brasil, livros sobre estes temas estão invadindo as livrarias e são enormes best-sellers, que enriquecem seus autores. De qualquer maneira, nos estamos numa era de fundamentalismos religiosos. Varias Religiões, hoje, apresentam-se com grande força e invadem também o mundo cristão. Religiões que vem do Oriente e, muito especialmente, o fundamentalismo muçulmano, belicoso, militante, o qual, através de adeptos seus que vem trabalhar nos países ocidentais, se faz presente de muitas maneiras. Uma delas, a da ameaça que ficou pesando sobre um escritor que, com uma obra puramente literária, teria feito ofensas mortais, ofensas intoleráveis ao Profeta do Islamismo e ate hoje vive escondido, sob ameaça de assassinato.

Creio que todo esse clima não está exatamente associado ao fim do milênio, senão de maneira subconsciente, mas está associado ao mundo crítico em que vivemos. Crítico do ponto de vista dos fenômenos sociais objetivos, de mudanças muito rápidas que estão ocorrendo e também do ponto de vista das ideologias e daí a muito oportuna escolha do tema deste Encontro, "A Crise das Ideologias". É interessante aqui assinalar a repercussão alcançada pelo artigo de um politólogo, um cientista político americano, funcionário do Departamento de Estado, artigo publicado na revista do Departamento e que falava do fim da História. O autor é Francis Fukuyama e o fim da História, no caso ao qual ele aludia, era o fim da experiência socialista. Quer dizer, uma vez demonstrada a inviabilidade do socialismo e a morte do marxismo como doutrina, que não podia oferecer um projeto válido para a construção social da Humanidade, então ficava também provado que a doutrina que subsistia e que conformava a organização possível e viável da sociedade de uma vez para sempre seria a doutrina do neoliberalismo, da democracia liberal capitalista, ou seja, a vitória do neoliberalismo como princípio formal da existência social mais elevada, das sociedades capitalistas mais adiantadas, estaria finalmente provada e, com isso, a História chegava ao seu fim. História só haveria para os povos atrasados, do Terceiro ou do Quarto Mundos, que precisariam então fazer um esforço para chegar ao Primeiro Mundo capitalista e neoliberal. Uma vez chegando acabou-se a História: daí para a frente, continuamos neoliberais ate o fim dos tempos.

Essa tese foi muito comentada, mas eu devo dizer que pouca gente acredita no fim da História. É só observar o clima de tremendo suspense que se criou no Golfo Pérsico, envolvendo exatamente as sociedades neoliberais do Primeiro Mundo, a começar pelos Estados Unidos, para perceber que ainda temos muita História pela frente. Mas, de qualquer maneira, nos estamos num momento de crise das sociedades variadas que cobrem as terras de nosso planeta e uma expressão dessa crise social e a crise das ideologias.

Não adianta o Presidente George Bush - num discurso em que propunha a América Latina, a todas as Américas, um plano de integração econômica com os Estados Unidos - apresentar a vitória de Adam Smith sobre Karl Marx, tese que vem sendo também explorada por jornais econômicos como The Economist ou o Financial Times, publicações de prestígio no mundo ocidental, ou seja, finalmente provou-se que o liberalismo de Adam Smith é eficiente, ele permite economias prósperas, que criam abundância, e essa abundância se espalha por todos os membros da sociedade, enquanto o marxismo, com a sua teoria do planejamento social, do planejamento da economia, da atuação contrária ao espontaneísmo do mercado, formaria economias que andam devagar, que não assimilam o progresso técnico, que, ao invés da abundância, criam carências, criam a escassez. Ora, na verdade, isso ainda está por ser provado. Estamos em presença de acontecimentos inéditos, sem dúvida alguma, mas que ainda não é a última prova.

Com esse intróito, quero aqui entrar no nosso tema propriamente. Nos anos 70, já com o crescimento dessa vaga neoliberal, no Primeiro Mundo, e se espalhando pelo Terceiro Mundo, falou-se no fim das ideologias, mais ate do que nas crises. Estaríamos entrando numa época em que a ideologia

não teria mais o que fazer. Nem necessitaríamos mais de visões totalizantes, de projetos do futuro, com uma perspectiva de construção total da sociedade. Isso porque entrávamos numa era essencialmente pragmática, em que se vivia o presente e não se necessitava quebrar a cabeça, torturar-se, para lutar pelo futuro ou delinear uma visão do futuro. Tudo isso se corporificou em algo que veio a se chamar de "pós-modernismo". O pós-modernismo concebe que a economia como fator de propulsão social e a política também como fator de organização social são hoje fatores, senão nulos, ao menos secundários, não têm mais aquela força que justamente a época moderna lhes atribuiu. A época que se inaugura com Descartes, uma época essencialmente racional, em que os princípios da razão nortearam às várias correntes do pensamento, desde o pensamento pré-revolucionário burguês, o pensamento iluminista, o pensamento liberal, como também o pensamento revolucionário marxista. Segundo o pós-modernismo, viveríamos numa época eminentemente hedonística e sensorial, a época do corpo, a época da supremacia somática, que os pós-modernistas dizem ser hiper-racionalista, mas na verdade é irracionalista. Seria uma época em que nós nos preocupamos com o presente, os aqui e agora, pontuais por excelência, com uma visão pulverizadora. Não há necessidade de uma visão total, basta viver aquela sensação tópica, exclusiva do momento que passa. Nessa sociedade, criam-se supostamente novas formas de socialidade, que não são nem imorais, nem morais, são amorais. Seria a época também do fim da luta de classes, porque caracterizada pela abundância. As classes sociais se entendem e cooperam. Na realidade, o que eram as classes sociais desaparece, porque não há diferenças entre trabalhadores, engenheiros, administradores, todos enfim são funcionários exercendo tarefas numa máquina altamente produtiva, que beneficia todos. Os templos desse novo acontecer social são o supermercado, os shoppings. É a era do consumismo que, no chamado Primeiro Mundo, já está em vigência e o Terceiro Mundo só deve tender para chegar até lá.

Na verdade, não é preciso muita perspicácia, no meu entendimento, para perceber que o fim das ideologias e também uma ideologia. Falar em fim das ideologias e uma ideologia e eu diria que é a ideologia da segunda Belle Époque do capitalismo. A primeira Belle Époque foi aquela que vai dos finais do século XIX, dos anos 80 do século XIX exatamente, até a Primeira Guerra Mundial. Quer dizer, a Belle Époque, a primeira, termina numa tremenda catástrofe, a Primeira Guerra Mundial. Mas, como diz uma canção, me parece de Vinícius de Moraes, "foi bom enquanto durou"... Foi àquela época que Proust tratou no seu famoso ciclo de romances, "Em Busca do Tempo Perdido". Quer dizer, a época em que a "sociedade" se divertia ("sociedade" aqui entendida como "alta sociedade"). Divertia-se descuidadamente, sem preocupações com o futuro, porque parecia viver algo eterno, a festa eterna. É época em que os conflitos sociais pareciam resolver-se em passeatas, em manifestações pacíficas. Quando os operários podiam progredir através de reformas, conforme a teoria de Bernstein, um marxista celebrizado pelo revisionismo, a matriz, alias, da social-democracia atual. Uma época de evolucionismo pacífico, porém que acabou numa guerra global, a Primeira Guerra Mundial. Hoje nós nos encontramos, pode-se dizer na segunda Belle Époque. Já estamos há uns dez ou quinze anos, pois ela vem dos anos 70, do crescimento econômico, que só teve interrupção na recessão de 80 a 82, mas que depois passou a ser ininterrupto. Parece que esta acabando agora, com uma nova recessão. É o mais longo ciclo do segundo pós-guerra. Os países do Primeiro Mundo vêm crescendo ininterruptamente e a acumulação de capital é gigantesca. Ao mesmo tempo, as taxas de melhora das condições de vida, o padrão de vida nesses países, de fato, se elevaram. Embora, como alguns observadores fazem notar (mas isso no momento não chama muito a atenção), também vai crescendo lateralmente o mundo dos desempregados estruturais, dos miseráveis, o mundo dos completamente

pobres nesses mesmos países. Mas isso ainda é um fenômeno que não é tão evidenciado como a melhora do padrão de vida daqueles que estão empregados, daqueles que podem usufruir das novas tecnologias, informatizadas, robotizadas e assim por diante, como vamos ver.

É neste contexto que surge a questão da crise das ideologias. Não do seu fim, mas da sua crise. A Professora Solange Ribeiro de Oliveira fez observar que, do ponto de vista de sua filologia, a palavra "crise" quer dizer crescimento, não necessariamente morte. Eu acrescentaria também um sentido que a palavra "crise" tem, porque dicionarizado, quer dizer, crise é uma aceleração de fenômenos de mutação. São momentos em que as mutações se aceleram. Nós estamos vivendo a crise não só de uma ideologia, da qual tanto se fala, que é a crise do marxismo (e muitos já assinaram até o atestado de óbito), mas também a crise da própria ideologia burguesa. Pois, apesar da anunciada vitória de Adam Smith, esse evento, como eu disse, não está comprovado.

Há nisso muita mistificação: a ideologia burguesa já está em crise, isto é, a procura de caminhos diferenciados para superar os impasses exatamente do liberalismo, desde o fim do século passado. E é exatamente no fim do século passado e princípios do nosso, que aparece uma das expressões mais características dessa crise da ideologia burguesa. Refiro-me a Nietzsche. Exatamente como expressão da crise da ideologia burguesa, Nietzsche se apresenta como antiburguês, contrário ao burguês metódico, o burguês protestante descrito por Weber, frugal, poupador, racionalista. É justamente o seu antiburguesismo que o torna tão atrativo precisamente para intelectuais de esquerda: são intelectuais da esquerda, muitas vezes, que tomam a defesa de Nietzsche e o consideram um patrimônio da esquerda. Eu, pessoalmente, repilo esta incorporação de Nietzsche ao pensamento da esquerda. Nietzsche é a antiesquerda por excelência, o antimarxismo, o anti-socialismo. E não por acaso, não por um erro de ótica, ele foi o filósofo predileto do nazismo e do fascismo, de Hitler e de Mussolini. Mussolini, em particular, não escondeu a sua simpatia por Nietzsche e a influência que o filósofo teve em sua formação. Um historiador alemão, Hubert Cancik, deu-se ao esforço de pesquisar os trâmites da comemoração do centenário do nascimento de Nietzsche, ocorrido em 1944, celebrado na Alemanha Nazista. Mussolini pessoalmente contribuiu para a comemoração, enviando objetos arqueológicos da Itália para a Alemanha, como homenagem a figura do filósofo germânico. Nessas celebrações, Mussolini declarou aos representantes alemães, que o procuraram, que Nietzsche tivera uma grande influência na sua formação. E não podia ser de outra maneira, uma vez que Nietzsche desprezou o homem comum, os fracos, os que ele chamava de ressentidos - os ressentidos com os fortes, com o super-homem. Quer dizer, Nietzsche é o arauto do super-homem, de um homem que, por ser super-homem, tem direitos adquiridos para fazer e desfazer, sem compromissos morais com a humanidade, a humanidade comum. A moral é uma inibição do super-homem, o super-homem se caracteriza exatamente por não ter inibições morais. A moral é uma invenção do cristianismo. Antes dele, uma invenção do judaísmo. Quer dizer, é inerente ao mundo judaico-cristão. Da moral deve se desvencilhar o super-homem, pois, de outra maneira, permaneceria limitado em seu agir, em sua vontade de poder, pelo ressentimento dos medíocres. É, preciso dizer que, seguindo-se a Nietzsche, Heidegger foi além, porque, se Nietzsche quisera uma subversão completa dos valores, Heidegger declarou simplesmente a liquidação completa dos valores. Não só a sua subversão, mas a sua liquidação completa.

Do ponto de vista da economia capitalista, os anos 30 foram anos de falência do liberalismo. Esse neoliberalismo, louvado hoje com tanta apologética, estava no chão, como um pugilista nocauteado, nos anos 30. Não podia se erguer do chão. Foi a época em que surgiu a doutrina de Keynes, o economista inglês chefe de toda uma escola e que hoje também é malsinado pelos que, juntamente com a falência do marxismo, declaram também a falência de Keynes. Isso é bem interessante.

Keynes não tinha nada de marxista. Ele considerava Marx um economista medíocre, digno de desprezo. Keynes foi o economista que teorizou a economia capitalista regulada, não o liberalismo espontâneo de Adam Smith, pelo qual o mercado seria uma mão invisível, que distribuiria de maneira adequada os recursos econômicos e criaria abundância. Para Keynes, diante da tremenda crise deflagrada numa sexta-feira de outubro de 1929, a qual durou quatro anos (e da qual o mundo capitalista, na verdade, não saiu durante os anos 30, só saiu com a Segunda Guerra Mundial), para Keynes, a economia capitalista, a fim de não recair em nova crise dessa ordem, a fim de não se tornar inviável, devia ser regulada pelo Estado. Por tais razões, elaborou os fundamentos teóricos para a intervenção do Estado na economia, seja dirigindo o processo produtivo em certos casos (ele não pregava a socialização dos meios de produção), sejam controlando o fluxo de dinheiro, a taxa de juros, os salários, orientando os investimentos, enfim, regulando o conjunto da economia.

Assim, nos anos 30, nos temos uma profunda crise desse liberalismo que hoje, através de Francis Fukuyama, se arroga constituir o fim da História. Então, se nos lembramos de meio século atrás, nos podemos perguntar se as dificuldades do liberalismo, a crise que passou nos anos trinta e a sua substituição pela doutrina antiliberal no próprio campo do capitalismo, não nos autorizam a afirmar que o que temos agora em presença não é o fim da História, com a vitória definitiva do neoliberalismo, mas uma onda neoliberal que, como todas as ondas, também passarão. Será seguida por outra onda de sentido contrário, como tem sido a dialética da História.

Há algo que nesse momento, nesses anos 90, nesse fim de século XX, da aproximação também do terceiro milênio, constatei um processo descontínuo com o passado. É verdade que a História tem descontinuidades, mas ela também possui continuidades. É uma simbiose de continuidade e descontinuidade. Possui tempos variados. Isso marca o nosso trabalho historiográfico, na medida em que trabalhamos com os fatos empíricos e simplesmente não nos contentamos com o acontecer empírico, porém procuramos compreendê-lo, interpretá-lo a luz de determinada metodologia. Sob esse aspecto, recordamos que a primeira metade do século foi profundamente desfavorável ao capitalismo. Vejamos bem: o que produziu o capitalismo na primeira metade do século? Duas guerras mundiais. Nenhuma delas foi provocada pelo socialismo. O foco de ambas as guerras mundiais residiu nas rivalidades interimperialistas na Europa. E o principal foco foi à Alemanha, tanto na Primeira quanto na Segunda Guerra Mundial. Estas duas guerras causaram 70 milhões de mortos. Se, pelo cálculo estatístico, pudermos dizer que, para cada baixa fatal numa guerra, temos, pelo menos, três feridos, dos quais um ou dois são mutilados permanentes, então teremos cerca de 140 milhões de mutilados em consequência dessas duas guerras. Uma catástrofe de proporções tremendas, pavorosas.

Na primeira metade do século, o capitalismo produziu esta monstruosidade, que foi o nazismo. Do seio do capitalismo, surgiu o nazismo, essa aberração do ponto de vista até da doutrina capitalista liberal. O nazismo inaugurou na história da humanidade o genocídio programado e industrializado. Porque genocídios tem havido muitos e, ainda há alguns anos atrás, houve na Alemanha (na Alemanha Ocidental, que ainda existe), uma discussão entre historiadores, dentre os quais uma facção quis justificar o nazismo com o genocídio, por exemplo, dos índios americanos pelos conquistadores espanhóis e Portugueses. Sem dúvida, não vamos aqui justificar as matanças que os colonizadores das Américas praticaram nas populações autóctones do nosso continente. E até continuam a praticar essas destruições com os sobreviventes das populações autóctones, o que acontece inclusive no Brasil. Mas nós não podemos focar tal genocídio do passado, inclusive o da África, com o tráfico de escravos, como algo que se equipara a matança programada milimetricamente, cronometrada e industrializada, que os nazistas realizaram nos campos de concentração, com o propósito deliberado de extinguir da face da Terra certas etnias, como os judeus e os ciganos, e, em grande parte também, os eslavos. Foi o que nos assistimos na primeira metade do

século XX. Finalmente, a Grande Depressão econômica como já me referiu, que, na verdade, se prolongou durante todos os anos 30, e da qual o mundo capitalista só conseguiu sair depois da tremenda destruição de forças produtivas na Segunda Guerra Mundial.

Mesmo após a Segunda Guerra Mundial, o sistema capitalista mundial sofreu um processo de retração, que se iniciou com a Revolução Socialista na antiga Rússia. Quer dizer, uma faixa considerável de países deixou de ser campo de aplicação de capitais por parte do sistema capitalista mundial e seus centros dirigentes. A fratura do sistema capitalista mundial abrangeu a antiga Rússia, depois a China (dois grandes países), depois o Vietnã, Coréia, Argélia, e todo o Leste Europeu, inclusive uma parte da Alemanha e até mesmo um país aqui nas Américas, vizinho dos Estados Unidos, ou seja, Cuba. Esse processo, em minha opinião, chega ao ápice com a Guerra do Vietnã, quando os Estados Unidos, maior potência militar do planeta, são derrotados por um povo camponês. É claro que, atrás desse povo camponês, estavam a União Soviética e a China, que lhe forneciam armas, técnicas militares, porém não soldados. O Vietnã combateu sozinho. Foi com seus homens, mal alimentados, que só comiam arroz e que não tinham acesso aos hambúrgueres, a coca-cola e as outras delícias do mundo ocidental (RISOS), foram esses homens que derrotaram os soldados de mais de um metro e oitenta da maior potência militar do planeta. A unificação do Vietnã, em 1975, sob a hegemonia do partido comunista marca o ápice da expansão da fratura socialista do sistema capitalista mundial.

Já foi observado que os Estados Unidos jamais ganharam nenhuma guerra importante sozinhos neste século. Foram vitoriosos na primeira e na segunda guerra mundial com aliados. Mas sozinhos não ganharam na Coréia, tal como não ganharam no Vietnã. E não é por acaso que agora, no Golfo Pérsico, estão procurando se cercar do apoio de todo o Primeiro Mundo e até de uma parte do Terceiro Mundo, inclusive de uma parte do mundo árabe.

Mas, ao mesmo tempo, cabe observar que, se houve uma retração do sistema capitalista no segundo pós-guerra, retração que já vinha desde a primeira metade do século, também houve o que os marxistas não perceberam, ou não deram a devida significação: uma estabilização do mundo capitalista, tanto do ponto de vista econômico como político. Os países do chamado Primeiro Mundo se tornaram países em que o regime democrático em sua forma burguesa passou a funcionar com regularidade. E se funciona com regularidade, funciona com estabilidade, funciona também com o consenso das classes subalternas. Semelhante consenso foi obtido por mediação da social-democracia. Em quase todos os países da Europa Ocidental, houve longos períodos em que a social-democracia foi governo: na Áustria, na Alemanha, na Inglaterra, na Holanda. Já há sessenta anos que a social-democracia governa a Suécia, com um interregno apenas de um quadriênio conservador. Hoje, a social-democracia governa a França e a Espanha. Na Itália, os governos de centro-esquerda fizeram o papel da social-democracia, como os governos do Partido Social Democrata nos Estados Unidos também fizeram o papel da social-democracia. A social-democracia, com a sua doutrina baseada nos princípios econômicos de Keynes (intervenção do Estado na economia, formação de um setor de empresas estatais e assim por diante) deu origem a doutrina do Estado de Bem-Estar Social, Welfare-State, que tem nos Estados Unidos, como o seu principal propugnador, o famoso economista John Kenneth Galbraith e, na Europa, os teóricos social-democratas. Por isso, um desses teóricos, um cientista político muito conhecido no Brasil, o italiano Norberto Bobbio, pode dizer que se nunca houve a revolução permanente pregada por Trotski, há a reforma permanente: há uma sucessão permanente de reformas que vão elevando o padrão de vida da população dos países capitalistas em seu conjunto. E, de fato, até certo momento, isso se verificou. Não há dúvida que, no chamado Primeiro Mundo, criou-se todo um sistema que elevou o padrão de vida da população empregada: previdência social, assistência médica, educação até o segundo grau obrigatória e generalizada,

proteção no trabalho mais eficiente, construção de conjuntos residenciais. Os métodos produtivos interessaram os trabalhadores, ao invés da esteira mecânica do fordismo e do taylorismo, já ultrapassados com a nova tecnologia que esta se implantando. A tecnologia da informática, do robô, dos novos materiais, da comunicação eletrônica e assim por diante. Isso é indiscutível, a classe operária, os trabalhadores dos países do Primeiro Mundo, puderam obter, nesse segundo pós-guerra, através de governos social-democratas principalmente, vantagens, melhorias que elevaram consideravelmente o seu padrão de vida.

Os trabalhadores ingleses já não vivem como os trabalhadores dos romances de Dickens, aquela miséria horrível, sujeira, fome, doença e assim por diante. Ao mesmo tempo, em todos esses países, com algumas exceções, como e o caso da própria Suécia, criaram-se setores da economia estatizados, abrangendo ferrovias, transporte aéreo, eletricidade, além dos serviços públicos como água e esgoto. Também siderurgias, fábricas de automóveis e de aviões, complexos de produção química, em muitos casos, tornaram-se setores que passaram as mãos do Estado, que o Estado passou a gerir como proprietário, na Alemanha, na França, na Inglaterra, na Bélgica, na Áustria, na Itália e noutros países, mesmo no Japão.

Mas todo esse processo sofrera um solavanco, que o paralisa e, de certo modo, o impulsiona um tanto para trás, a partir da vaga neoliberal que começa na segunda metade dos anos setenta. Isso porque o processo de reforma, de conquistas obtidas pelos trabalhadores e mais os próprios mecanismos de desenvolvimento capitalista conduzem a uma inundação da economia mundial pelos eurodólares, pelo fato de que o carro-chefe da economia capitalista são os Estados Unidos, que emitem a moeda mundial. A inundação dos eurodólares gerou uma inflação na segunda metade dos anos 70, agravada pelo segundo choque do petróleo, advindo da tomada do poder pelo Aiatolá Khomeini, no Ira, grande produtor de petróleo e depois, logo em seguida, pela guerra deflagrada pelo Iraque contra o Ira, que iria durar, como vocês sabem, oito anos. Então, o próprio processo inflacionário derruba os governos social-democratas. Após o governo trabalhista inglês, surge o governo da Sra. Thatcher, a "Dama de Ferro", que já está em seu terceiro mandato. Vêm os governos republicanos dos Estados Unidos, os dois mandatos de Reagan, sucedido agora pelo terceiro mandato republicano, de George Bush. O governo social-democrata de Bruno Kreisky na Áustria, que dura treze anos, e sucedido por um governo conservador presidido por Kurt Waldheim, homem que serviu ao Exército Nazista durante a Segunda Guerra Mundial. Mesmo na Suécia, pela primeira vez depois de 50 anos, o Partido Social-Democrata cedeu o poder ao Partido Liberal durante 4 anos e recupera o poder em condição minoritária, governando através de uma coalizão. Então, em todo o Primeiro Mundo, podem-se dizer, os social-democratas são substituídos pelos neoliberais. Exceções podemos apontar seriam a França, onde Mitterrand é socialista e esta em seu segundo mandato, e a Espanha, onde Felipe Gonzalez esta em seu terceiro mandato. Na França, Mitterrand não permite que os trabalhadores percam conquistas já obtidas, porem não cumpriu, por exemplo, a sua promessa de diminuir a semana de trabalho de 40 para 37 horas. Diminuiu para 39 horas. Na verdade, a política econômica que ele aplica é uma política neoliberal: não por acaso, a sua vitória nas eleições presidenciais foi acompanhada por uma elevação das ações na Bolsa de Valores francesa. Quer dizer, o capital francês demonstrou sua plena confiança na liderança de Mitterrand. No caso de Felipe Gonzalez, a Espanha recém se liberou do franquismo e é através do governo socialista que se consegue a estabilidade, o pacto social para uma política neoliberal. A Espanha é hoje campo preferencial de aplicação dos capitais europeus, dos capitais alemães, franceses, ingleses e americanos, porque há na Espanha uma defasagem no preço da mão-de-obra com relação aos outros países da Europa Ocidental. De modo geral o que esta em vigência nesses países, inclusive França e Espanha, é a política neoliberal.

Daí as privatizações de empresas estatizadas, possíveis dadas à enorme acumulação de capital

pelos conglomerados multinacionais. O que não se podia fazer há 40 ou 50 anos atrás, ou seja: modernizar as ferrovias, que exigiam enormes investimentos, a siderurgia, que também exigia enormes investimentos, fábricas até de automóveis etc., e, por isso, o capital consentia que elas passassem a mão do Estado. O Estado despendia o dinheiro público para modernizar os meios de produção e agora, que ha uma gigantesca acumulação de capital privado, tais meios são privatizados, reverts em a preços vantajosos, ao domínio do grande capital privado. A campeã das privatizações tem sido 3 Sra. Thatcher. Ela privatizou recentemente ate o serviço de águas, o que vai contra os Estatutos da Comunidade Econômica Européia, e já se propõe a privatizar o serviço de eletricidade. Mas, como estudiosos desta questão apontam, em todos os casos ela privatizou com grandes vantagens para os compradores das ações. Na verdade, tais privatizações funcionam como doações ao capital privado.

Por que tudo isso é possível? Aí chegamos também a outro ponto que e importante compreender: e que nos estamos vivendo o ciclo de nova revolução científico-tecnológica. No Primeiro Mundo, as novas tecnologias estão sendo aplicadas com enorme velocidade. São tecnologias que entram em obsolescência em três, quatro anos, lapso de tempo em que surgem novas tecnologias, que as substituem. Em primeiro lugar, a miniaturização tomou acessível a consumidores de massa o computador pessoal, que entra nas casas não só dos intelectuais, dos escritores, dos pesquisadores, mas também nas casas comuns. A informática industrializa os serviços financeiros e penetra também na indústria dos bens de capital, com as maquinas que passam a ser comandadas através de computação. O que permite que processos exigentes de cem operários passa a ser feitos por dez apenas. Além disso, há a biotecnologia, que permite vencer obstáculos naturais a produção agrícola, vegetal e animal, alem de criar toda uma engenharia genérica, capaz de eliminar doenças, revolucionar a tecnologia farmacêutica, a ciência medica e assim por diante. A eletrônica via satélite torna as comunicações ultra-rápidas em todo o universo, incluindo essa invenção tão comum para nos que e a televisão, através da qual se tomam de conhecimento instantâneo os acontecimentos em qualquer parte do globo, sejam os espetáculos programados, sejam, às vezes, os acontecimentos inesperados, como recentemente, os fatos da Praça Celestial em Pequim. Acrescenta-se a invenção dos novos materiais que substituem o aço, o alumínio, a madeira etc., materiais muito mais baratos, duradouros ou descartáveis. Tudo isso configura uma revolução científico-tecnológica, que tem por base novos conhecimentos científicos aplicados a tecnologia da indústria, agricultura e serviços. É claro que isso também entra numa das indústrias mais importantes do mundo, que e a indústria de armas. Ela também sofre uma tremenda influência de todo esse processo e constitui uma das matrizes principais da atual revolução científico-tecnológica.

Esta revolução científico-tecnológica encontra-se na base da enorme acumulação de capital em processo no mundo capitalista. Sejam os Estados Unidos, os países da Europa Ocidental, seja o Japão. E aí nos temos que observar outro fato: se o capitalismo, o sistema capitalista mundial se retraiu, porque perdeu a União Soviética, a China, o Leste Europeu e ate mesmo, aqui na América, perdeu Cuba, se isto aconteceu, entretanto, hoje teve um florescimento enorme no Extremo Oriente. Não se pode mais falar de capitalismo como algo puramente ocidental, como um estilo de vida, um modo de produção, uma formação social tipicamente ocidental porque, entre os países mais capitalistas do mundo, inclui-se o Japão. Nenhum país é hoje mais capitalista do que o Japão. E junto do Japão estão os chamados "Tigres Asiáticos": a Coréia do Sul, Singapura, Tailândia, Filipinas, Austrália, que também se insere no universo oriental.

O capitalismo foi capaz, nesse processo, de algo que os marxistas realmente não previam: a superação das barreiras nacionais, especificamente no caso da Europa Ocidental. As barreiras nacionais, que tanto dificultaram a saída da grande crise dos anos 30, hoje caíram abaixo. Não há barreiras como antigamente entre os países da Europa Ocidental. No ano de 94, já se prevê a

eliminação dos últimos entraves a completa liberdade de circulação de capitais, de homens, de trabalhadores entre os países europeus. Haverá uma moeda única para todos os países. Quer dizer, cria-se de fato uma Europa economicamente unificada. Ainda não politicamente unificada, mas, do ponto de vista econômico, ela já forma uma entidade na qual a hegemonia é indiscutivelmente da Alemanha. Já era da Alemanha Ocidental e será da nova Alemanha completamente unificada. Assim, aparecem três grandes blocos do capitalismo: o bloco dos Estados Unidos, que continua ainda como carro-chefe do capitalismo e que integra na sua economia o Canadá (na prática, uma província americana) e México, o bloco da Europa Ocidental e o bloco do Extremo Oriente. Aí há a anotar que esse não é um processo que muda a natureza do capitalismo. A natureza do capitalismo continua a ser a de um regime que persegue o lucro como seu objetivo fundamental, que tem no lucro a sua força motriz, a sua motivação. Mais ainda: é um capitalismo que continua concorrencial, não mais entre milhares de empresas pulverizadas como no século XIX, porém entre megamultinacionais. Em cada bloco, são 300, 400 empresas, bancos, grandes conglomerados industriais e comerciais que dominam 70 a 80% da economia. Em torno deles, giram pequenas empresas, que lhes fornecem peças, prestam serviços, fazem a pane ainda não regida pela automação, ainda não robotizada. A natureza desse capitalismo continua, na essência, a mesma de antes. Por isso, eu me atrevo a afirmar, com toda a tranqüilidade, que a melhor explicação do que é o capitalismo, da sua estrutura e da sua dinâmica, ainda está em O Capital de Marx, neste livro que muitos já consideram obsoleto, que nem merece sequer consulta dos estudiosos.

Contudo, não se pode dizer que o capitalismo hoje é exatamente igual ao do tempo de Marx. Isso seria um absurdo, em que infelizmente incorrem muitos marxistas. Houve novos processos, aos quais eu já me referi que mudaram a maneira de proceder do capitalismo, mas não a essência desse modo de produção e dessa formação social. No mundo capitalista, junto aos três blocos dominantes, nós não podemos deixar de assinalar que há enormes áreas marginais. Aliás, a maioria do mundo capitalista está na margem desses três blocos. Por que não se enquadra neles. Uma dessas áreas marginais é a América Latina, da qual faz parte o nosso país. Quer dizer, a América Latina, particularmente para o bloco dos Estados Unidos, que tem hegemonia aqui, mas para os outros também, é somente uma fonte de lucros, de dividendos, de juros, através do mecanismo da dívida externa e dos investimentos diretos. Secundariamente é fornecedora de certas matérias-primas. Porque as matérias-primas da América Latina, segundo mostram as estatísticas, estão, no seu conjunto, caindo de preço, valem cada vez menos. O Primeiro Mundo as produz também ou as substitui, quando precisa. Hoje, a Europa não precisa da carne da Argentina, do Uruguai e do Brasil, porque ela é também grande produtora de carne e até exportadora. Não precisa dos nossos cereais, que antigamente enchiam os navios que iam para a Europa, porque ela também produz cereais e, com isso, evidentemente, pode pagar mais barato por tudo o que compra da América Latina. As áreas marginais da América Latina e do Caribe, da África e da Ásia, são áreas condenadas a viverem o outro lado desse processo, ou seja, o lado da miséria, do atraso, da impotência. Enquanto o lado do Primeiro Mundo vive a alegria da segunda Belle Époque do capitalismo, que, certamente, como a primeira, terminará numa catástrofe.

Eu quero encerrar esta parte enfatizando que não vivemos o fim da História. O neoliberalismo, justamente por ser "neo", constitui uma expressão da crise da ideologia burguesa. Não prefigura o fim do capitalismo no dia de aranha: já os marxistas deveriam aprender que o capitalismo tem muitos fôlegos e é dotado de elasticidade para superar catástrofes. Mas está longe de ser esse regime de abundância perpetua e de harmonia ideal, na qual não se precisa até de ideologia, não se precisa de projeto totalizante, como alguns vêm apregoando.

A segunda parte dessa conferência é para mim a mais importante, porque diz respeito à crise

do marxismo. Como todo esse Seminário vai discutir a crise das ideologias, vão se suceder outros conferencistas e muitos subsídios serão trazidos ao tema. Mas eu, pessoalmente, gostaria de falar a respeito da crise do marxismo, tratar aqui de algumas questões, que podem ressurgir no decorrer do Seminário. Eu não nego, como querem alguns, em particular certos trotskistas, que há uma crise do marxismo. Não há dúvida que muito do que está ocorrendo hoje no chamado Leste Europeu, em particular, foi previsto por Trotski, previsto na sua parte crítica. Mas não no encaminhamento que a crise está tendo nesses países. Trotski não previu tal encaminhamento e os trotskistas o omitem. Então, também o trotskismo está em crise, como uma das vertentes legítimas do marxismo. Ainda há pouco, realizou-se, em São Paulo, a maior homenagem mundial prestada a Trotski na passagem do cinquentenário de seu assassinato. A homenagem se efetuou através de um simpósio de grandes proporções, que trouxe a São Paulo notáveis especialistas de variadas tendências do marxismo, inclusive do exterior: franceses, como Pierre Brone, soviéticos, o professor húngaro, Miklos Kun, neto de Bela Kun, espanhóis, argentinos, bolivianos, italianos, etc.

Não há dúvida: avançou-se bastante no conhecimento das questões que cercam o pensamento de Trotski. A meu ver, e todo o marxismo, inclusive o trotskismo, que está em crise hoje. Porque, de um lado, o que precisa ser assinalado a crítica ao modelo stalinista, que desmorona, no Leste Europeu, inclusive na União Soviética, onde é só residual hoje - e a duras penas sobrevive na China, em Cuba, no Vietnã e na Coreia -, a crítica a esse modelo foi feita antes dos social-democratas e neoliberais por Trotski, nos anos trinta. Antes de qualquer outro, ele apontou a degenerescência do socialismo pelo domínio da burocracia, da camada burocrática. Muitas das suas afirmações são reiteradas hoje por economistas da Perestroika, na União Soviética. Mas são as afirmações críticas a respeito da ineficiência econômica, da má qualidade dos produtos, de tudo isso ligado ao modelo stalinista de planejamento. Mas Trotski não previu as soluções que estão sendo adotadas nesses países. Não previu a questão que se constituiu com o problema do mercado, embora Trotski não fosse contrário às relações mercantis à época do socialismo. Contrariamente ao que propõem alguns trotskistas, Trotski não era partidário da extinção do dinheiro, como é a tese de Mandel, o conhecido pensador trotskista. Trotski considerava que o dinheiro tinha lugar no regime socialista em sua fase inicial e também a economia mercantil, mas ele não podia, de modo algum, pensar em restauração do capitalismo, como está se dando plenamente na Alemanha Oriental, que vai se fundir com a Alemanha Ocidental. Em parte significativa já está sendo tentado na Polônia e na Hungria e pressiona fortemente na União Soviética.

O que está se dando, então, no Leste Europeu a meu ver? É, o fim do marxismo? O fim do socialismo? Ou o fim de um modelo do socialismo? A meu ver, é o fim de um modelo, e o fim do stalinismo. Aqui, precisamos distinguir entre modelo e projeto. O projeto socialista continua vivo, ele continua no ideário de milhões de pessoas, na União Soviética, China e em países do Leste Europeu, mesmo ali onde venceram os partidos de direita anti-socialistas, nas últimas eleições na Polônia, Hungria e Tchecoslováquia. Como ele continua vivo no mundo capitalista, apesar de que atravessa uma fase crítica na conjuntura de ofensiva violenta do neoliberalismo capitalista. Sem dúvida, o projeto socialista atravessa uma crise, que é uma crise, em minha opinião, no sentido filológico, uma crise de crescimento, não é uma crise mortal. Não é uma aceleração de mutações mórbidas, que levam a morte, mas é uma aceleração de mutações dolorosas, sem dúvidas alguma, difíceis, porém que levarão a superação da própria crise e ao rejuvenescimento do projeto socialista. O socialismo está ganhando algo extremamente precioso como ideologia totalizante de construção de uma nova sociedade. Ele está se libertando do stalinismo. Porque, queiramos ou não, todas as correntes do marxismo eram afetadas pelo stalinismo. Por mais que nós nos afirmássemos anti-stalinistas, sempre a imagem que ficava para as massas, por toda a parte, era a de que o socialismo se associava a partido

único, a domínio da burocracia, a privilégios de uma minoria burocrática que detinha o poder, a polícia política, a campos de concentração, a expurgos, a processos judiciais falsificados que assassinavam homens honrados, revolucionários de primeira linha, que associavam o socialismo a um crime como o assassinato de Trotski, horroroso, hediondo, e assim por diante.

Dessa macula enorme, dessa monstruosidade, sem duvida alguma - porque foi isso o stalinismo -, nós nos libertamos. E isso é um ganho essencial porque socialismo passa a ser entendido como democracia socialista. É preciso afirmar que o que temos em vista é o socialismo democrático, compatível com as divergências, com a existência de minorias, com a pluralidade de tendências, de partidos, e assim por diante. Mas tal afirmação no futuro será dispensável, porque socialismo, posto em funcionamento de maneira democrática, será por si mesmo sinônimo de determinado modelo de democracia, a democracia socialista, uma democrata que não é igual à democracia burguesa, que não tem em comum a estrutura da democracia burguesa. Portanto, nada tem a ver com a teoria da democracia como valor universal. Porque a democracia não é valor universal. A democracia socialista nunca pode ser entendida como um valor igual à democracia burguesa. Se assim entendêssemos, confundiríamos completamente o que não pode ser confundido. Nem do ponto de vista da Ciência Política nem do ponto de vista de qualquer outro prisma das Ciências Humanas.

Em toda parte, vimos que se ascendem os nacionalismos. Isso também não foi previsto por Trotski, que pensava que, com a derrubada da burocracia stalinista na União Soviética, surgiria uma nova tendência internacionalista. Não é o que está acontecendo. São os nacionalismos que estão acesos, provocando conflitos violentos. Também nos países do Leste Europeu, são fortes as tendências de restauração do capitalismo. Quem lê hoje a imprensa soviética, encontra afirmações que configuram um modelo utópico: equiparar a União Soviética a Suécia. A Suécia seria o modelo da sociedade ideal para o qual se deveria dirigir a União Soviética. Todavia, se uns puxam fortemente no sentido de uma verdadeira privatização capitalista da economia soviética, ainda há ali a forte resistência de um ideário socialista, que repele tal privatização. Mesmo na Polônia e na Hungria, onde já se avançou alguma coisa no sentido de restauração do capitalismo, não se pode deixar de prever que haverá reações com relação às medidas que entronizem a exploração capitalista. Esta não deixara de provocar uma reação dos trabalhadores, para os quais não desaparece a consciência adquirida de valores do socialismo.

De qualquer maneira, eu desejaria terminar aqui esta conferência sem triunfalismos. Há uma crise do marxismo, não o reconhecer e pior, porque nos impede de ser criativos nas condições da crise. A crise exige o máximo da criatividade dos marxistas para a compreensão do próprio capitalismo, do sentido da estabilização social-democrata, do sentido da ofensiva neoliberal, da nova composição da classe operária. O que é hoje a classe operária? Mesmo aqui no Brasil, um terço dos empregados na indústria da informática tem instrução superior. E nos países capitalistas, os trabalhadores que ainda exercem tarefas manuais, o que fazem? Eles controlam e reparam as máquinas. São polivalentes, dominam várias profissões ou especialidades. São altamente instruídos em relação aqueles trabalhadores da esteira de montagem do fordismo, ou ao trabalhador modelado pelo taylorismo. Isso precisa ser estudado, juntamente com os processos de conquista da hegemonia (no sentido de Gramsci) e as contradições do capitalismo nas novas condições. E também a multiplicidade de variações a que o socialismo da origem. Não se pode mais, definitivamente, pensar num modelo único de socialismo como durante tanto tempo foi imposto na União Soviética e copiado pelos outros países. Não se pode pensar na socialização somente como propriedade estatal. Precisamos pensar na variedade de formas da propriedade social no período de transição, cujo prazo também não “está delimitado por ninguém. Profunda reflexão exige o papel do mercado e o papel do plano, porque o plano não desaparece. Mas não pode ser o plano total. A idéia de um plano totalitário de uma harmonia total, e uma Utopia. Utopia no sentido de algo que não se alcança. O

socialismo deve dar margem também a certos desequilíbrios de acordo com o arbítrio do consumidor, e também de acordo com a criatividade dos produtores. O plano não pode ser um plano totalitário, tem que ser um plano que admite no seu transcurso os momentos de desproporção e de criatividade provocadora de desequilíbrios, certamente muito diversos dos desequilíbrios próprios do capitalismo.

É um desafio também ao marxismo o reconhecimento do seu atraso na Teoria Política. Porque, se o marxismo tem contribuições fundamentais a Teoria Política, e isso é inegável, sobretudo a respeito do conteúdo do poder político, ele, ao prever que o Estado não desaparece de um momento para outro, não estudou as formas do Estado socialista. Que formas terá? Este é um grande problema, por exemplo, para os novos parlamentos que estão se instituindo na União Soviética e em outros países do Leste Europeu, onde não há tradições parlamentares de funcionamento de congressos.

Tudo isso precisa ser estudado e, a partir daí, recriado e levado a prática.

Quanto à questão da democracia representativa e da democracia direta, que papel tem cada uma, como ambas podem se fundir e mutuamente se fecundar, de tal maneira a superar no dia-a-dia suas contradições? Sobretudo, a grande questão da Jornada de trabalho, que a nova tecnologia permite porque, hoje, nos países capitalistas avançados, o movimento operário já está formulando o projeto de chegar ao ano 2000 com a semana de trabalho de 28 horas, o que evidentemente aumentará de maneira considerável o período de lazer que os trabalhadores terão a sua disposição. Com isso, sendo possível eliminar as altas taxas de desemprego que existem, particularmente na Europa Ocidental. Mesmo com o seguro-desemprego - que não existe em todos os países, não existe, por exemplo, Itália - o desemprego ainda é uma chaga, ainda é uma ofensa ao trabalhador, uma humilhação, que continua a existir e a aumentar no mundo capitalista. Ainda há grandes faixas de pobreza que cresce: por exemplo, em particular nos Estados Unidos, com os cortes que o governo Reagan fez na previdência social, na assistência aos pobres, e assim por diante. Por conseguinte há muita coisa a fazer pela frente. O que essa nova tecnologia permite e exatamente eliminar o desemprego e diminuir, ao mesmo tempo, a Jornada de trabalho. Ou eliminar o desemprego através da redução da Jornada de trabalho. Como dizia Marx, o reino da liberdade não está no trabalho, uma vez que aí se faz o que é necessário. Diante da máquina, nós não podemos ser arbitrários, ela tem a sua maneira de funcionar e nós temos que dominá-la, conhecendo-a e seguindo a sua mecânica, aí não é o mundo da liberdade. O reino da liberdade está exatamente fora do trabalho, naquelas horas que nos pertencem, que nós chamamos de lazer, mas que, para aqueles homens formados numa nova sociedade, são as horas da criatividade. Aquelas horas que o homem dedica para fazer o que gosta e fazer e que por isso mesmo fará mais criativamente podendo realizar suas próprias potencialidades e enriquecer os seus companheiros de sociedade. Construindo uma sociedade - exatamente como Marx chamava - uma sociedade de produtores associados, uma sociedade desalienada, onde o homem, todos os homens decidem não só questões pertinentes ao processo de trabalho, mas o que fazer o que produzir, para que produzir. Isso não será decidido em pequenos gabinetes de executivos de grandes bancos e de grandes conglomerados multinacionais, mas será decidido pelo conjunto da sociedade. Então, o sentido da luta pelo socialismo e o da conquista do tempo livre dilatado, como privilégio não de poucos, mas de todos, e o sentido da desalienação do processo de trabalho, hoje dominado por ínfimas minorias, como é tanto no mundo socialista atual e no mundo capitalista atual. É a conquista da liberdade através de um processo de produção em que todos os interessados - os produtores associados - interferem. Uma sociedade em que a democracia praticada até o seu extremo limite deixa de ser democracia, porque deixa de ser um regime estatal. Nesse sentido é que eu afirmo: o projeto socialista está em crise, mas vai sobreviver a esta crise. O marxismo está em crise, mas vai sobreviver a esta crise! Muito obrigado.